



A tensão como regra: regulações em torno da profissão de jogador de futebol

Radamés Rogério¹

Tension as a rule:
regulations around
the profession of
football

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74025>

¹Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UEPI). E-mail: rm_rogerio@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo foca na regulação da profissão de jogador de futebol, localizando este profissional no interior da teoria do processo civilizador de Norbert Elias (1993 e 1995b). Gostaríamos de apresentar a seguinte questão: o futebol é uma atividade que participa do processo civilizador ao propiciar excitação prazerosa e controlada ao público em geral, à massa, mas, para cumprir esse papel, os participantes principais da atividade, os jogadores, devem ser submetidos a uma rigorosa disciplina e devem ter atitude exemplar no contexto dessa ordem disciplinar. Para refletir sobre as questões propostas, além da referência a teoria eliasiana, apresentamos contribuições de Arlei Damo (2007) e Roberto DaMatta (1994 e 2000) e exemplos fornecidos pelo noticiário esportivo.

Palavras-chave: Futebol; Jogador de futebol; Processo civilizador.

Abstract:

This article focuses on the regulation of the football player profession by locating this professional within Norbert Elias' theory of the civilizing process (1993 and 1995b). This is the question that we would like to hold: football is an activity that participates in the civilizing process of our society by providing pleasant and controlled excitement to the general public, to the mass, but to fulfill this role, the main participants of the activity, the players, must be subjected to a rigorous discipline and must have an exemplary attitude in the context of this disciplinary order. In order to reflect on the proposed issues, in addition to the reference to the Eliasian theory, we present contributions by Arlei Damo (2007) and Roberto DaMatta (1994 and 2000) and examples provided by sports news.

Key words: Soccer; Football player; Civilizing process.

Introdução

Desde que se tem registro, o esporte cumpre papéis sociais relevantes nas sociedades em que ocorre. Particularmente do ponto de vista do processo que Norbert Elias (1993) convencionou chamar de “civilizador”, o esporte adquire centralidade enquanto atividade que espelha e ao mesmo tempo participa ativamente da constituição desse processo, ambigualmente como forma de ratificação ou invalidação.

Focando no esporte na era do capitalismo industrializado, moderno, podemos afirmar que um de seus papéis é o fomento de uma indústria do lazer e/ou do entretenimento. Os campeonatos nacionais, regionais e internacionais de futebol entre clubes ou seleções nacionais são grandes eventos mobilizadores de grande quantia de capital.

Mas para além do aspecto financeiro, o esporte moderno desempenha papel na preparação do corpo e da mente do indivíduo para a sobrevivência num mundo e mercado de trabalho cada vez mais exigentes tratando-se, portanto, de uma adaptação ou redenção do corpo e da mente à modernização da vida – veloz, fugidia, de mudanças incessantes.

Neste sentido, ao comentar sobre os significados do futebol brasileiro, Roberto DaMatta (1994) afirma que numa sociedade baseada no conflito de interesses e na competição, como se caracteriza a sociedade moderna capitalista, todas as modalidades esportivas que invariavelmente “tomam o confronto, o conflito e a competição como matéria-prima” transformando “paixões que levavam à morte e à vingança nas sociedades tradicionais”, numa leal, rotineira e “higiênica disputa de interesses”, cumprem o papel social de canalização da violência, assim, o esporte moderno transformou tais dissenções em espetáculos programados, planejados e institucionalizados.

Eric Dunning, afirmou em entrevista, que Norbert Elias buscou demonstrar, em *Deporte y Ocio* (1995), que a “principal função do esporte é a produção de excitação prazerosa e socialmente construtiva” (2008, p. 224). Para Elias, o esporte se constitui como uma espécie de “remédio” que as sociedades, submetidas ao processo de civilização, oferecem aos indivíduos que dela fazem parte para combater os efeitos colaterais do processo de “autocontrole” ao qual todos devem se submeter sob pena de não obterem suas socializações, ou seja, a permissão de viver em sociedade.

Conforme se vê, há uma ambiguidade na função social atribuída ao esporte: por um lado ele se constitui como atividade institucionalizada, controlada, planejada que visa canalizar e civilizar a violência e, ao mesmo tempo, constitui-se como válvula de escape aos níveis cada vez mais altos de autocontrole aos quais os indivíduos são submetidos em sociedades civilizadas .

A questão a qual gostaríamos de nos deter nesse momento é a seguinte: o futebol é uma atividade que participa do processo civilizador de nossa sociedade ao propiciar excitação prazerosa e controlada ao público em geral, à massa, mas para cumprir esse papel, os participantes principais da atividade, os jogadores, devem ser submetidos a uma rigorosa

disciplina e devem ter atitude exemplar no contexto dessa ordem disciplinar. Quais as consequências para os jogadores? Como este campo profissional é afetado por esta ambiguidade do processo civilizador?

Acredito que a profissão de jogador de futebol é marcada por diversas pressões de ordem psicossocial. Tais tensões são consequências diretas das regulações que incidem sobre ela. As principais dessas regulações analisadas em minha tese foram: 1. As ambiguidades no processo civilizador; 3. A gestão da vida e do corpo do jogador; 3. As leis e relações de trabalho que regem a profissão. Neste artigo, devido ao diminuto espaço, iremos dar atenção às duas primeiras.

Primeiro, analisaremos o futebol e o jogador de futebol profissional no contexto do processo civilizador em Norbert Elias. Depois, a análise será sobre a gestão da vida e do corpo do jogador realizando um diálogo com a teoria de Michel Foucault.

Ambiguidades no interior do processo civilizador

Na introdução de *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*, Elias busca demonstrar como o estudo sobre o esporte revela aspectos importantes da formação geral das sociedades. Em sua conotação dita moderna, a principal característica que diferencia o esporte de sua composição pré-moderna é a imposição de regras que visam diminuir ao máximo a possibilidade de lesão séria aos praticantes do mesmo, ou seja, o esporte moderno se caracteriza por se tratar de uma batalha não violenta, ou por se compor por “tensões controladas”, conforme Dunning (1995).

O que motivou a mudança da forma de se praticar esporte dos tempos antigos e/ou pré-modernos aos modernos? Quais são os fatores que dão ao esporte moderno essa condição de “batalha não violenta” e “tensão controlada”? Como essa passagem reflete uma mudança sociocultural e histórica nas sociedades onde ocorreu?

Para Elias, tal mudança só pode ser compreendida se a análise buscar compreender todo o processo civilizador pela qual passou a sociedade em geral e está diretamente ligada ao aumento do nível de intolerância à violência. A Inglaterra é o país aonde primeiro ocorreu esse processo de civilização das práticas recreativas, particularmente a esportiva, ou seja, de surgimento do esporte em suas feições modernas. A explicação do autor para esse fenômeno é que a autopacificação das classes que exerciam poder no país, no âmbito político, fenômeno que chamou de “*parlamentarización*” e que teve seu equivalente na “esportivização” dos passatempos dessa mesma classe, ou seja, na pacificação e repugnância à violência no âmbito do esporte. Assim, se nos jogos de poder, as habilidades militares, foram substituídas pelas habilidades verbais do debate, da retórica e da persuasão, todas as demais atividades responderiam a esse “impulso civilizador” (1995b, p. 48).

Leite Lopes (1995) afirma que a análise de Elias sobre o esporte foca na Inglaterra como retomada de sua teoria sobre o processo civilizador, agora no século XVIII, complementando e trazendo novos elementos para a análise que tinha como *lócus* a França no século XVI e o foco na arte da etiqueta no contexto da corte francesa.

O processo civilizador consiste, portanto, na mudança na conformação das classes e dos indivíduos a um novo padrão de conduta fincado, principalmente, na autorregulação dos sentimentos e das emoções. O argumento é que a mudança que ensejou a formação dos Estados europeus, passando pela submissão das classes guerreiras a um controle estrito do uso da força, agora monopolizada pelo Estado, e o agrupamento dos nobres nas cortes dos países da Europa, estavam relacionados, de algum modo, com uma mudança no código sentimental e de conduta.

Entretanto, embora o autor afirme que a coação advém do exterior, admite que o aparelho biogenético e neurológico humano seja preparado para a coação, o que não quer dizer que o processo ocorra sem resistência, conflitos e/ou resultados imprevistos. Assim, para Bejarano & Pilatti, a teoria de Elias é biossocial, ou seja, “assume uma visão das emoções que considera a interação de fatores genéticos, ou tendências inatas, com fatores adquiridos com a experiência, principalmente a interação social” (2009, p. 230).

O processo civilizador traduz-se numa série de mudanças de longo prazo na sociedade humana fincado basicamente na monopolização do uso da força por parte do Estado que praticamente eliminou a fruição deliberada dos instintos e paixões humanas (muito comum numa sociedade de guerreiros). Com a sociedade de corte, a civilização toma forma e o desenvolvimento de uma força psíquica interna capaz de barrar o desejo de hostilizar ou matar o outro, o que Elias (1993) denominou de controle das emoções, ganha força suficiente para promover a pacificação interna de muitas sociedades.

Elias concluiu que os indivíduos pagavam um preço muito alto para fazer parte da civilização. A civilização exige um nível razoável de autocontrole individual daqueles que dela participam, para, somente assim, poder se efetivar.

Para o autor, o monopólio do uso da força por parte do Estado atrelado ao aumento da complexidade das funções sociais que, por sua vez, amplia a rede de interdependências entre as pessoas, são os fatores centrais para que ocorra a mudança que marca o processo civilizador. Ao ressaltar a essencialidade do controle das emoções para que o processo civilizador possa existir, Elias deixa indícios de uma compreensão sobre uma natureza agressiva humana. O fato é que essa necessidade social e exercício individual de autocontrole geram um alto nível de tensão emocional (“efeito colateral”) nos indivíduos submetidos à contenção dos impulsos, dos fortes sentimentos, dos afetos e emoções.

Em sociedades onde há elevada manutenção dos controles e normas civilizadoras, graças a um estrito controle da violência física exercido pelo Estado, “*las tensiones personales resultantes de este tipo de conflictos, las tensiones por sobreesfuerzo o, en otras palabras, el stress*” (1995a, p. 56) são muito presentes na vida cotidiana dos seus membros.

A maioria das sociedades humanas desenvolve algum tipo de “remédio para as tensões por sobre-esforço que elas mesmas geram”. Tratam-se das mais diferentes atividades recreativas como o teatro, o cinema, as artes, a literatura e o esporte. Para tudo que foi suprimido da vida diária foi criado um substituto na vida privada através dos livros, pinturas, sonhos, filmes violentos e eróticos para ficar somente em alguns exemplos.

Para cumprir a função de liberar os indivíduos de suas tensões, porém, conforme ressalta Elias, é necessário que essas atividades estejam adaptadas à relativa sensibilidade à violência física característica do comportamento social das pessoas que se encontram nas etapas contemporâneas do processo civilizador.

O autor admite, entretanto, que numerosos esportes possuem um sério problema na conciliação entre duas funções que são contraditórias por excelência: 1. Gerar excitação prazerosa capaz de ser agradável e factível aos sentimentos humanos, e para isso há, no contexto e espaço especial destinado à prática esportiva, certo nível de permissividade da expressão dessas emoções reprimidas e recalçadas no cotidiano; e ao mesmo tempo, 2. Conservar e ratificar uma série de coerções com o objetivo de ser mais uma atividade a fortalecer o exercício do autocontrole e dos impulsos violentos. Será que para cumprir à risca um dos objetivos não é necessário negar ou comprometer o outro? Neste sentido, Elias reflete que um dos problemas centrais de numerosos esportes é

En todas sus variedades, el deporte es siempre una batalla controlada en un escenario imaginario, sea el oponente una montaña, el mar, un zorro u otros seres humanos. (...) El problema a resolver, en este caso como en el de los demás juegos deportivos, es cómo mantener bajo el riesgo de que los jugadores sufran daños, manteniendo sin embargo en un nivel elevado la placentera emoción de la batalla (1995b, p. 66-68).

O futebol é, portanto, uma atividade recreativa (nos termos do autor) privilegiada no sentido de propiciar excitação mimética¹ prazerosa na fruição da catarse, ou seja, na liberação de paixões, emoções e tensões reprimidas, forças represadas no cotidiano das pessoas. Elias chega a afirmar que os espectadores de futebol podem vivenciar um “sentimento mais vivo”, na medida em que o convívio em sociedade oferece poucas oportunidades de expressão coletiva destes, sendo, ao contrário, marcado, em geral, pelo isolamento das pessoas umas em relação às outras.

Para DaMatta, o fato do futebol ser um esporte jogado com os pés, confere a este, em especial, um “ritmo de altas improbabilidades”, assim ficando menos previsível. É dado vazão, assim sendo, às “ideias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro” (1994, p. 16).

¹ Processo de recriação da realidade em que deve haver o equilíbrio entre a veracidade (nível em que a representação é factível), mas sem haver o objetivo de se passar pela realidade, pois do contrário, a representação perde seu efeito.

Além disso, o futebol tem forte capacidade de mobilização sociocultural, política, econômica e psíquica, conforme se pode pensar com o exemplo da seleção brasileira em agosto de 2004 no Haiti. Neste mês e ano, a seleção brasileira realizou o que ficou conhecido como o “jogo da paz” contra a seleção local, conseguindo a proeza de paralisar, provisoriamente, a guerra civil haitiana que se arrastava há anos.

Não é à toa que, segundo Elias, poucas sociedades humanas (para não dizer nenhuma) existem sem instituições sociais que proporcionem esse alívio emocional acima descrito, ou seja, que não “*proporcionan alivio emocional contrarrestando las tensiones y los esfurezos de la vida ordinária com sua serias luchas, peligros, riesgos y coacciones*” (1995a, p. 60).

Voltemos então à ambiguidade: o futebol² deve ser uma atividade capaz de oferecer ao seu público uma válvula de escape para as tensões cotidianas que o mundo civilizado impõe ao indivíduo moderno. Para alcançar esse objetivo, o jogo deve simular situações violentas ao mesmo tempo em que deve permitir que o público possa se manifestar dentro dos limites das leis, do “civilizado”. A violência tanto do jogo, quanto do público, porém, deve ser altamente controlada, pois do contrário, ao invés de ratificar o processo civilizador, o jogo o enfraqueceria. A ambiguidade está posta e a tensão instaurada: se a violência não for verossímil, se não houver mimeses a contento o futebol não concretiza excitação prazerosa e o “antídoto” deixa de existir ou de fazer efeito, mas se a violência não for amplamente controlada e disciplinada o processo civilizador estará comprometido.

No epicentro dessa ambiguidade está o jogador profissional e sua condição o coloca numa situação liminar, pois não pode usufruir desse antídoto, não pelo menos na atividade em que exerce, pois “*el deporte con fines profesionales puede ser bastante triste para quienes se dedican a él; puede estar sometido a las mismas restricciones que otras atividades profesionales*”. (1995a, p. 80).

Ou seja, a atividade que gera a tensão prazerosa e mimética para muitos indivíduos, transformando-se em válvula de escape, antídoto contra o esforço cotidiano de agir civilizadamente, momento catártico não o é para aquele que realiza o espetáculo. O jogador profissional cumpre um papel importante no interior do processo civilizador e, dessa forma, se vê submetido a uma pressão muitas vezes mais severa do que aquela a qual está submetido o cidadão (dito comum).

Todas as ações, atitudes e opiniões do jogador profissional são passíveis de julgamento não só por parte do público, como também pelos “tribunais da disciplina³” em que se configura muitas vezes a imprensa esportiva e o comando dos próprios clubes e

² A análise pode ter validade para outros esportes, mas passarei a tratar somente do futebol.

³ Essa expressão é uma referência direta a José Paulo Florenzano (1998), que, por sua vez, inspirou-se nas expressões usadas por Foucault para caracterizar os agentes do poder disciplinador. Para Florenzano, o jornalista, no contexto esportivo, assume um papel muito peculiar a partir de meados dos anos 1960 no Brasil: o papel de juiz da normalidade que identifica o desviante, classifica-o e solicita para ele a sanção normalizadora. A este, Florenzano ainda acrescenta os “técnicos do comportamento” e os “mestres de disciplina”.

federações. A responsabilidade que recai sobre o jogador profissional é proporcional a sua posição dentro da sociedade, no interior do processo civilizador. Um dos pontos a serem considerados é que o jogador exerce um papel importante no processo sem sabê-lo (muitas vezes) ou no mínimo sem escolher exercê-lo ou ainda sem ter o devido preparo para tal.

O jogador profissional sofre controle não só pelo que faz ou deixa de fazer dentro das quatro linhas durante os jogos e treinos (ainda mais hoje em tempos de tantas câmeras), pois este se estende a sua vida privada. Os lugares e as atividades que desenvolvem nos momentos de lazer ou até mesmo durante as férias tornam-se objeto de sanção e controle, particularmente se estes tiverem ligação com o uso “incorreto” do corpo, ou seja, atividades que possam comprometer o desempenho atlético. É o caso do uso de drogas lícitas como álcool e tabaco. Imagens de jogadores fumando e/ou bebendo sempre geram grandes polêmicas no mundo do futebol e a simples presença de jogadores em casas de entretenimento adulto como boates ou casas de show é motivo de sanções, comentários e críticas.

O jogador é cobrado o tempo todo para manter uma postura “condizente com a de um profissional” (um ideal construído e reconstruído constantemente), assim, mesmo quando está de férias ou em seu momento de lazer é mau visto por buscar aquilo que Freud (2011) chama de “medidas paliativas contra os sofrimentos e decepções da vida”. Em 2011, noticiou-se que um conselheiro de um dos mais populares clubes do país, o Flamengo do Rio de Janeiro, propôs criar o “disque-dentuço⁴” – uma referência à destacada posição dos dentes frontais de um dos principais e mais caros jogadores do clube à época, Ronaldinho Gaúcho. Como seu desempenho dentro de campo não correspondia àquilo que a torcida e os membros da diretoria do clube esperavam dele, uma possível solução seria fiscalizar e denunciar as atividades que o jogador vinha participando fora de campo e que, provavelmente, vinham prejudicando a atuação do mesmo, no entender deles.

O caso de Ronaldinho Gaúcho é exemplar. O jogador tornou-se referência tanto em relação ao controle externo que sofre da mídia, dos clubes e seus dirigentes e da torcida, quanto em polêmicas ligadas a “má gestão do corpo e da vida” com frequentes noitadas e festas. No mesmo ano, ao referir-se a uma festa promovida por um jogador do Santos (clube do litoral paulista), Elano, um colunista do portal UOL afirmou: “Elano dá uma de Ronaldinho Gaúcho e aluga casa para dar ‘festinha’.⁵”

O tempo passou e depois de uma passagem com quase nenhum título no Flamengo, Ronaldinho Gaúcho foi contratado pelo Atlético Mineiro de Belo Horizonte ajudando o clube a conquistar o seu mais importante título, a Libertadores da América, junto com o título veio

⁴ Ver reportagem “Disque Dentuço’ contra as noitadas de Ronaldinho Gaúcho”, disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/disque-dentuco-tenta-frear-as-noitadas-de-ronaldinho-gaicho> - acesso em 20/06/2011.

⁵ “Desde que chegou ao Flamengo, Ronaldinho já fez várias dessas festinhas. Ele aluga um salão em um hotel na Barra para a reuniãozinha. E para não ser visto ao sair do local, dorme lá mesmo, só que na suíte presidencial”. Disponível em <http://br.omg.yahoo.com/blogs/pronto-falei/elano-d%C3%A1-uma-ronaldinho-ga%C3%BAcho-e-aluga-casa-021659288.html> - acesso em 10/09/2011.

a mudança, supostamente, da postura do jogador em relação às baladas e noitadas que passaram a ser “caseiras”, exaltava a reportagem do mesmo portal UOL, refletindo, segundo esse discurso, o amadurecimento do jogador. Chama a atenção a forma como é construído esse discurso do amadurecimento, vejamos:

Ronaldinho **adotou a discrição como lema** ao se mudar para Belo Horizonte e encontrou um esconderijo quase perfeito. Sua mansão alugada no Condomínio Estância das Amendoeiras, em Lagoa Santa, é ideal para quem não quer ser visto. O condomínio é grande, tem uma distância generosa entre as casas e muitos proprietários o frequentam apenas nos fins de semana. Só é possível entrar quem é morador ou convidado. Para passar ainda mais despercebido, a casa eleita para virar o lar de R49 é a mais isolada do local sendo a única de uma rua inteira. Seguranças ainda fazem plantão em tempo integral para impedir que alguém tenha acesso. **Não é à toa que suas frequentes festas pouco incomodam os moradores**, com exceção de raras reclamações apresentadas pelos vizinhos. (...) A balada preferida de Ronaldinho é a sua própria casa. É lá que ele passa os dias de folgas em **churrascos ‘intermináveis’** e regados a muito pagode em que ele próprio se arrisca em tocar. **A cervejinha também não pode faltar**⁶.

O discurso sobre a gestão da vida e do corpo é incoerente e se modifica ao sabor do “vento”, diga-se, dos êxitos relevantes na carreira do jogador, diga-se novamente: dos títulos. A descrição que a reportagem faz mostra uma mudança sutil da postura do jogador de sua fase menos amadurecida para a atual e a sutileza está na descrição. Ou seja, a questão não está se o jogador agora tem cuidado mais de si, não pelo menos do ponto de vista do cuidado que se atribui ao atleta de alto rendimento – dormir cedo, não beber etc., do cuidado propriamente do corpo. Ronaldinho “amadureceu” e o sinal desse amadurecimento é que ele passou a ser mais discreto, embora tenha continuado a fazer festas “frequentes”, “intermináveis”, onde a “cervejinha não pode faltar”.

A incoerência é intensa: quando o jogador não rende o esperado e, conseqüentemente o time não ganha, a culpa está na forma como o jogador gere a sua vida pessoal, particularmente pela falta de cuidado com o corpo pelo consumo de bebida, pelo horário de dormir devido às festas, mas quando o contrário ocorre e o jogador “leva” o clube às vitórias e aos títulos, as mesmas festas, enfim, o mesmo comportamento, deixa de ser relevante, particularmente se o jogador for “discreto”. A patrulha realizada pelos “tribunais da disciplina” varia sua intensidade tendo por base o desempenho do jogador em campo, ou

⁶ Reportagem intitulada “Festas caseiras contra exposição e amadurecimento marcam guinada de Ronaldinho”, disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2013/07/29/festas-caseiras-contr-exposicao-e-amadurecimento-marcam-guinada-de-ronaldinho.htm> – acesso em 29/07/2013. Grifos meus.

seja, a passagem da vigilância do que o jogador faz em campo para o que ele faz fora dele tem por catalisador as vitórias e os títulos, de forma que quando se vence, o que o jogador faz fora de campo perde um pouco de importância.

Para Elias, quanto mais se tornam complexas e se estendem as cadeias de interdependências, maior é a “fiscalização” que exercemos sobre nós mesmos e sobre os outros. O caso dos jogadores profissionais de futebol é bastante exemplar disso. A extensão do controle para as férias do jogador demonstra que de férias ou em período de atividade, o jogador é visto da mesma forma: como atleta profissional que tem sua vida, seu esforço e gestão do corpo, voltado para a atividade, para a vitória, para os títulos e, por isso, deve cuidar de si o tempo todo, já que sua vida gira em torno do espetáculo, de uma performance digna de ser considerada de alto rendimento.

O patamar ao qual essa responsabilidade do jogador de futebol pode chegar pode ser medido na repercussão de um incidente ocorrido em 1995 no estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo. As torcidas organizadas de Palmeiras e São Paulo protagonizaram um dos maiores conflitos envolvendo torcidas dentro de um estádio já ocorridos no Brasil na final da Supercopa de Juniores deixando um saldo de mais de cem feridos e um morto. Buscando compreender o ocorrido, várias vezes se levantaram, da mídia esportiva ao meio político, fazendo surgir a hipótese de que as atitudes de determinados jogadores incitariam a violência das arquibancadas.

Florenzano (1998) analisa o fato em questão demonstrando como o jogador Edmundo acabou sendo culpabilizado pela violência deste acontecimento. Nesse mesmo período, o jogador estava no auge de sua carreira, tendo mais destaque nos meios de comunicação e na publicidade esportiva do que jogadores recém-coroados tetracampeões do mundo pela seleção brasileira. Desde seu surgimento no futebol profissional em 1992 no Vasco da Gama, Edmundo teve sua imagem associada ao perfil de jogador-problema. Até o ano anterior a este trágico incidente, ele já havia acumulado inúmeras polêmicas em sua carreira e já havia sido alcunhado de “animal”. O apelido surge com conotação positiva visto estar associado ao empenho, a vontade de vencer e a excelência atlética/física do jogador, mas logo é associado ao comportamento tido como anormal, desregrado, incontrolável.

A associação do jogador ao acontecimento estava baseada na caracterização da ação dos torcedores como também animalésca, bem como no recente histórico de cenas de violência protagonizadas pelo jogador em campo. Assim, o prestigiado ex-técnico da seleção brasileira, Telê Santana afirmou em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo: “Muitas brigas de torcidas começam porque os jogadores estão se agredindo dentro de campo. Foi assim naquele jogo entre São Paulo e Palmeiras no conflito envolvendo Edmundo” (SANTANA *apud* FLORENZANO, 1998, p.189).

A fim de estabelecer a relação entre a atitude violenta das torcidas organizadas no episódio do Pacaembu e as ações do jogador Edmundo, Vital Battaglia, à época diretor de redação do jornal A Gazeta Esportiva, afirmou:

tivesse o ‘animal’ Edmundo sido punido – juntamente com os outros animais que participaram daquela briga entre jogadores de São Paulo e Palmeiras em 94 – e não teríamos tantos jovens, fora de campo, lutando para se transformarem nos ‘animais’ das arquibancadas (BATTAGLIA *apud* FLORENZANO, Idem, *Ibidem*).

O clímax da culpabilização do jogador, porém, ocorreria com a publicação de uma reportagem do Jornal da Tarde que citava um pronunciamento feito no Congresso Nacional pelo deputado federal Paulo Delgado (PT/MG) em que este sentenciava Edmundo como “o” principal responsável pela violência nos estádios. Afirmou o deputado:

Considero motor e motivação básica da violência as atitudes antidespotivas e a maneira violenta de jogar futebol de Edmundo. (...) Não há prova mais concreta da violência como fator de lucro pessoal do que a trajetória desse jogador, desse *gladiador do futebol brasileiro* (...) ele consagra a ideia da violência como atividade lucrativa. (...) as atitudes do jogador Edmundo servem claramente à consagração do anti-social (Jornal da Tarde *apud* FLORENZANO, Idem, p.189-190, grifo no original).

Segundo esse raciocínio, o poder de influência do jogador de futebol é muito grande, ao ponto de consagrar este ou aquele modelo de conduta e de vida. Embora consideremos extremamente exagerada, precipitada e generalista esta associação da violência da torcida com as atitudes do jogador Edmundo, acreditamos ser pertinente refletir sobre a posição destacada que esses indivíduos ocupam na sociedade, particularmente, devido à exposição midiática e a intensidade com que tanto a profissão quanto o esporte inundam o imaginário coletivo.

As paixões que o esporte desperta e a importância que ele tem na vida de milhões de pessoas também explica isso, afinal o jogador é o portador, o representante do alvo dessa paixão: o clube. Para muitos brasileiros, o bom desempenho dos jogadores e, conseqüentemente de seu “clube do coração” ou da seleção nacional, significa muito, pois se trata de uma das poucas oportunidades de experimentar a vitória no contexto de um cotidiano tão difícil. Conforme afirma DaMatta, o futebol tem uma

capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito. (...) através do “jogo de futebol”, as massas brasileiras podem experimentar vencer *com* os seus times favoritos. Sentem, então, que o seu desempenho no estádio como *torcida* – como plateia sofredora que se dá sem

reservas ao seu clube e heróis – produz resultados palpáveis e vitórias completas (1994, p. 17, grifos no original).

Durante os treinamentos e os jogos, os jogadores profissionais são submetidos a uma verdadeira gestão da vida e do corpo, de forma que há um empenho por parte do poder disciplinar em apagar a fronteira entre a vida privada e pública do jogador, assunto do qual passarei a tratar agora.

A gestão da vida e do corpo

Muitas profissões demandam uma enorme dedicação, muitas vezes quase que exclusiva a elas para se concretizarem. Por tratar-se de uma espécie de sistema perito⁷, no sentido de Anthony Giddens (1991), o investimento necessário é exaustivo e demanda uma especialização altamente precoce. O jovem aspirante é encorajado (por todos os envolvidos – pais, dirigentes, treinadores, preparadores físicos etc.) a empenhar-se na carreira e direcionar toda sua vida futura à profissão.

Incide em todo esse processo uma intensa disciplinarização que, no limite, constitui-se numa gestão da vida e do corpo. Ter talento, ser um exímio controlador da bola não é o bastante, embora seja a base de tudo. Segundo Damo, os bons jogadores são aqueles tidos como “portadores de talento especial, um jeito singular de usar o corpo. (...) acredita-se que o dom seja uma capacidade inata, uma dádiva divina ou da natureza” (2007, p.18).

O ponto inicial, portanto, é o dom, o talento. Entretanto, o futebol profissional não se compõe somente de certo número de jogadores muito talentosos. O sistema perito se constitui, conforme já dito, não somente do fazer, mas também do saber. Daí que para tornar-se jogador de futebol profissional é preciso se submeter a uma “tecnologia” que visa “converter jovens de reconhecido talento em profissionais capazes de exibir suas performances a um público muito peculiar” (Idem, p.22/23). Não basta saber jogar muito bem futebol, ser extremamente habilidoso, pois o objetivo do jogo vai muito além da simples exibição de talento, o espetáculo esportivo é muito mais complexo do que isso.

O jogador profissional de futebol se submete a um “aprendizado corporal” que é, segundo Damo, “equivalente a um curso superior” e “não é realizado gratuitamente, mas

⁷ Tais sistemas se caracterizam por seu nível de complexidade do ponto de vista das operações que lhes dão movimento, que o situam em funcionamento. Tais operações são desconhecidas por seus usuários, haja vista esse nível de complexidade, mas são de responsabilidade de um corpo técnico altamente especializado composto de instituições e profissionais portadores de um conhecimento perito.

visa determinados fins: a produção de performances públicas, altamente apreciadas” (Idem, p.33).

O espetáculo tem um formato ao qual clubes, dirigentes, treinadores e jogadores devem se submeter, e o jogador, mesmo como protagonista, é o elo mais frágil dessa cadeia de submissões. Existe um modelo requerido de jogador de futebol que varia conforme o período histórico, a região do país, do mundo e o nível do campeonato. Esse modelo incide sobre a forma como o jogador deve jogar, falar, se comportar em campo, nos treinamentos, viagens ou em seus momentos de folga, no seu modo de vestir, no visual do seu corpo e deve refletir, por exemplo, a agremiação, o clube, o nível do campeonato.

Para termos um bom exemplo, quando era o técnico das categorias de base da seleção brasileira, Alexandre Gallo deu uma entrevista que gerou certas controvérsias. O treinador defendia a implantação de uma “nova mentalidade” na base da seleção a partir da qual o jovem jogador selecionado deveria passar a “imagem de profissional”. Para ilustrar essa imagem de profissional baseada nessa nova mentalidade, Gallo afirmou que não permitiria mais que os jogadores usassem brincos, andassem de chinelo ou usassem fones de ouvido sintetizando o que chama de “imagem de desleixo” incompatível, segundo ele, com o perfil de futuro jogador profissional e de jogador da seleção. Desta forma, muda-se o critério estabelecido para a convocação de um jovem jogador para as categorias de base da seleção, conforme explicou o treinador:

Quando eu cheguei na CBF, me falaram: “O jogador aqui é convocado sempre pela capacidade dele, por serem jogadores comprometidos e também pelo caráter”. Eu falei: “Está errado. E a partir de hoje vamos virar a página ao contrário. Vamos convocar primeiro pelo caráter, segundo pelo comprometimento e cumplicidade com o trabalho e terceiro pela capacidade⁸” (sic).

Fica clara a tentativa de homogeneizar nivelando o grupo não pela capacidade técnica individual, pelo talento, mas pela potencialidade que o jogador tem de se submeter ao comando e de se integrar (e porque não, se entregar) à equipe, sintetizadas pelo treinador nas características “caráter” e “compromisso”, revelam o sentido da produção do corpo dócil.

Seja provindo da mídia esportiva, dos treinadores, dos dirigentes ou até dos torcedores, existe um poder disciplinar que impõem ao jogador de futebol uma série infundável de sanções que se erige a partir de uma estratégia discursiva que produz um ideal

⁸ Entrevista concedida pelo técnico das categorias de base da seleção brasileira, Alexandre Gallo ao jornal O Estado de São Paulo, disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,vou-implantar-uma-nova-mentalidade-na-base-diz-alexandre-gallo,1056213,0.htm> – acesso em 24 jul 2013.

de profissionalismo a ser buscado a qualquer custo. A disciplinarização é a chave e ela se estenderá indefinidamente, do cabelo à barba que ele use à forma como se veste e fala, para controlar com quem ele se relaciona, aonde ele deve andar e do que deve ou não gostar, tudo isso para que se obtenha desses indivíduos a vitória, o título, o lucro com a venda da marca e, talvez, o exemplo para os jovens das gerações posteriores.

A cobrança que vem das arquibancadas está sempre muito próxima do limiar da violência e sempre que algum jogador ou jogadores são assediados pela torcida erige-se o debate sobre o suposto “direito” do torcedor de cobrar, afinal de contas: o jogador não é um funcionário daquele clube? E a quem pertence o clube? Logo, a quem pertence o direito de cobrança?

A naturalização dessa cobrança está cristalizada em todos os âmbitos, da crônica esportiva aos dirigentes, chegando às próprias “vítimas” dos protestos: os jogadores de futebol. Em 2012, o time do Ceará de Fortaleza encontrava-se em uma sequência de empates e derrotas no campeonato brasileiro da segunda divisão, quando os torcedores do time (particularmente a torcida organizada) realizaram um protesto no campo de treinamento do time. O protesto iniciou à base de insultos aos jogadores e à diretoria que giravam em torno da questão do comprometimento e da honra dos jogadores ensejando gritos como o de “time sem vergonha”. Não satisfeitos, entretanto, alguns torcedores invadiram o campo de treinamento e entraram em conflito direto com diretoria, comissão técnica e jogadores. Após o ocorrido, alguns jogadores vieram à público para justificar a ação da torcida e reafirmar o direito destes de “protestar”, bem como trataram de declarar e assumir a culpa pela situação conforme se observa nessas entrevistas de dois dos mais experientes jogadores do time⁹:

Eles têm o direito de protestar. Se eles estão aqui cobrando, é porque nós, jogadores, colocamos o Ceará nessa situação. Em time de grande torcida é assim, se o resultado não vem, o protesto acontece. A torcida quer resultado.

Ninguém gosta que isso aconteça, mas foi compreensível. Só nós, jogadores, com vitórias, podemos trazer a torcida para o nosso lado de novo.

A normalidade desse tipo de cobrança é ratificada em outra fala do jogador Daniel Marques, quando este afirma: “já passei por isso, faz parte. Vivi momentos como esse em

⁹ Respectivamente, Daniel Marques e Juca, disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1168024> – acesso em 08 ago 2012.

outros clubes. Jogador que veste a camisa do Ceará tem que saber aguentar a pressão¹⁰. São vários os discursos que naturalizam a chamada “pressão” de forma que a capacidade de aguentá-la tornar-se uma característica indispensável para jogadores que pretendam jogar num time de massa, já que irá enfrentá-la corriqueiramente, conforme o relato dos jogadores citados, muito comuns, diga-se, nas coberturas esportivas brasileira no rádio ou na TV.

A crônica esportiva local também operou a naturalização da cobrança neste caso, conforme se pode observar na coluna de um dos mais destacados comentaristas esportivos do estado:

PROTESTO da torcida do Ceará, inclusive invadindo o local do treino, já era esperado para qualquer momento. Questão de dias. (...) NÃO é a primeira vez que acontece, nem será a última. Já avisei mil vezes. Brincar com paciência de torcedor de clube de massa equivale riscar o fósforo perto de tanque de gasolina. Paciência tem limite de tolerância. Quando extrapola saiam da frente. (...) PROTESTAR pode, entrar no campo de treino, local de trabalho dos jogadores, não. Este tipo de aviso não pega. Nem cola. O torcedor não quer nem saber, nem mede as consequências do seu ato. O que quer mesmo é lavar seu protesto cara a cara. E ai de quem tentar reagir. (...) PROTESTO tem um recado mais forte. Vamos a ele. Ao ver o time despencar, outra vez rondando a maldita zona de rebaixamento, a torcida tenta com seu grito de revolta abrir os olhos antes que seja tarde demais. Por omissão a torcida não vai pecar¹¹.

A naturalização do ato de violência praticado pela torcida é paulatinamente construída: primeiro, o colunista sentencia que o protesto já era esperado e logo aconteceria; segundo, conforme o próprio, não é a primeira vez que isso acontece e não deixará de acontecer, pois a paciência de torcedor é algo com o qual se deve ter muito cuidado e as consequências de seu esgotamento são avassaladoras (“saíram da frente”); terceiro, o torcedor, provavelmente como uma massa amorfa e poderosa, não respeita limites, assim deve-se saber de antemão que não adianta avisar sobre a proibição de se invadir o “local de trabalho dos jogadores”; quarto, não importando de que forma as coisas aconteçam, o ato dos torcedores tem a “boa intenção” de “abrir os olhos” de todos em relação aos rumos, provavelmente desastrosos, em que o time tem caminhado, de forma que o “pecado da omissão” nunca poderá ser atribuído aos torcedores.

¹⁰ “Tensão no Ceará: Rogerinho desabafa, torcida protesta e interrompe treino”, disponível em <http://esportes.opovo.com.br/app/esportes/clubes/ceara/2012/08/07/noticiasceara,2409407/rogerinho-reage-a-criticas-e-desabafa-no-twitter.shtml> – acesso em 08 ago 2012.

¹¹ Coluna do comentarista Alan Neto no Jornal O Povo, disponível em <http://esportes.opovo.com.br/app/colunas/alanneto/2012/08/08/3938708/riscar-fosforo-perto-de-tanque-de-gasolina.shtml> - acesso em 08 ago 2012. Conforme o original.

Não é sempre, porém, que a violência é naturalizada. Em 2011, uma reportagem da revista IstoÉ enumerava uma série recente de acontecimentos em que a torcida agiu com violência ante aos jogadores de futebol. De apedrejamento do ônibus de clubes a perseguição aos jogadores em locais públicos como restaurantes ou em suas próprias casas, a violência ganhou a atenção do ministério público que resolveu investigar a ação de torcedores que perseguiram a ameaçaram o jogador Fred, à época jogador do Fluminense. Conforme afirmava a reportagem:

No celular, um número desconhecido chama e ameaça: se não jogar direito, vai apanhar. Em frente à casa do jogador de futebol, um grupo o intimida na presença da família. Dentro do restaurante, atletas são perseguidos e cobrados. E, não eventualmente, situações assim acabam em violência física. O medo entrou em campo para os jogadores de futebol brasileiros. E não é medo de times adversários. É de quem torce pela mesma bandeira, de quem, teoricamente, está do mesmo lado. Fred, capitão do clube carioca Fluminense, é a mais recente vítima da perseguição de torcedores. Em uma das situações, ele e o colega de time Rafael Moura estavam em um restaurante, em Ipanema, no Rio de Janeiro, quando torcedores do Flu começaram a tirar satisfações sobre jogos passados. Eles saíram do local e a perseguição continuou, perigosamente, nas ruas¹².

Concluindo a reflexão

Procurei demonstrar aqui que o futebol, enquanto fenômeno moderno, se configura como um espaço de disciplinarização das massas, ao mesmo tempo em que, se manifesta como instrumento de liberação de “excitação prazerosa” no contexto daquilo que Norbert Elias chamou de processo civilizador.

A ressalva de Luiz Henrique de Toledo (2001), entretanto, deve ser considerada, sem inviabilizar, entretanto, o referencial, as contribuições e os apontamentos de Elias para a compreensão do fenômeno esportivo e sua participação no processo social, mas demonstrando algumas reservas necessárias:

[...] ainda que Elias rompa com uma concepção positivista de cisão radical entre esporte e jogo, acaba por universalizar o processo de constituição dessa categoria sócio-histórica denominada indivíduo em detrimento de outras dimensões ou instâncias, tais como a plasticidade evocada na noção de pessoa. Elias não leva em conta que seu processo civilizador está preso de maneira obsessiva à existência e onipresença de uma ética individualista que, segundo o próprio autor, é geradora do processo multiplicador de controle social e de um autocontrole elevado, concebido com uma certa positividade.

¹²“Torcedores e algozes”, disponível em http://www.istoe.com.br/reportagens/151444_TORCEDORES+E+ALGOZES?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage – acesso em 14 ago 2011.

Embora não sonegue aos esportes alguns dos elementos lúdicos presentes em contextos históricos anteriores, tais como a tensão, o prazer, o divertimento, a incerteza e, a destacar, o fenômeno da violência, aliás, negligenciado em muitas das análises dos modelos dicotômicos [...], Elias reduz todos esses fatores ao autocontrole estabelecido pela dimensão individualista. A percepção desse autopolicamento imposto pelos constrangimentos sociais de uma ética burguesa, supostamente civilizada no que se refere ao adestramento e à pacificação dos costumes, inclusive os “esportivos”, não consistiu uma via de mão única nas sociedades ocidentais, o que pode ser verificado em contextos etnográficos específicos (Archetti, 1999; Toledo, 2002, por exemplo). (p. 142).

E é aqui que entra o jogador de futebol, que se encontra num lugar privilegiado e absolutamente visível e vigiado do imaginário popular na medida em que é o ator principal de um dos mais importantes aspectos da cultura e sociedade brasileira, o futebol. Em conformidade com Toledo, podemos observar que ao contrário de uma “via de mão única”, o processo que incide sobre massa e jogadores é recíproco, no sentido de que as posições de uns e outros, são interdependentes.

Assim, seja devido a sua posição no processo civilizador, seja devido ao processo de disciplinarização ao qual são submetidos, os jogadores vivem a eterna tensão de uma profissão onde não são donos de si mesmos, pertencendo antes ao patrimônio de um clube, de uma torcida, de uma massa apaixonada de pessoas.

Embora haja quem se posicione contra, os mais diversos atores do campo futebolístico (técnicos, jornalistas, jogadores, torcedores, dirigentes) tendem a naturalizar essa tensão que coloca o jogador numa posição quase sempre frágil conforme buscamos demonstrar através de um exemplo de muitos que se repetem rotineiramente em todo país, todas as temporadas em que jogadores são “cobrados” por torcedores, ou de forma mais abrangente, pelos “tribunais da disciplina”.

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 04 jul. 2018.

Referências

BEJARANO, Viviane C. e PILATTI, Luiz A. As emoções na perspectiva de Norbert Elias: da evolução biológica e socialização à influência da psicanálise na psicogênese e sociogenias elisianas. In: GEBARA, Ademir e WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, p. 215-233.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio**. Revista USP. Dossiê Futebol. Junho, julho, agosto, nº. 22, 1994.

_____. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

DUNNING, Eric. Prefácio. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995a, p. 9-29.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995b, p. 31-81.

_____. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, v2.

_____. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir e WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2009, p. 19-46.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro**. São Paulo: Musa editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GASTALDO, Édison. **Esporte, violência e civilização**: uma entrevista com Eric Dunning. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alendria, 2010.

LEITE LOPES, José Sérgio. **Esporte, emoção e conflito social**. Mana—Estudos de Antropologia Social, p. 141-63, 1995.

ROGÉRIO, Radamés de M. **No “segundo tempo da vida”**: o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira. 2014. Doutorado em Sociologia. Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Futebol e Teoria Social**: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002). BIB, São Paulo, n° 52, 2° semestre de 2001, pp. 133-165.